

## O cinema educador: novas fronteiras do conhecimento

Denise Marcos Bussoletti<sup>1</sup>

Joice Prado Alves<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo busca refletir criticamente sobre o papel do cinema enquanto agente produtor de conhecimento na sociedade moderna. Fruto do contexto da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria, o cinema educador passa a ter como função, através da imagem, difundir discursos e acontecimentos que passam a ser absorvidos e tomados como verdadeiros. A abordagem se desenvolve a partir do levantamento bibliográfico e de reflexões sobre a sociedade moderna, consumo e educação a partir de Walter Benjamin (1985), Henry Giroux (1992), Stuart Hall (1992) e o papel do cinema nesse contexto para Siegfried Kracauer (1988), Douglas Kellner (2001), Max Horkheimer e Theodor Adorno (1997). Conclui-se nessa perspectiva que o cinema educador deve ser visto enquanto um dispositivo auxiliar para repensar não só a educação mas o empobrecimento da experiência e o caráter de urgência de uma pedagogia crítica das imagens.

**Palavras-chave:** comunicação; cinema educador; pedagogia crítica.

**Abstract:** This article aims to critically reflect on the role of cinema as a producer of knowledge in modern society. Fruit of the context of World War II and the Cold War, the film is replaced as educator role, through the image, broadcast speeches and events that become absorbed and taken as true. The approach is developed from the literature and reflections on modern society, consumption and education from Walter Benjamin (1985), Henry Giroux (1992), Stuart Hall (1992) and the role of cinema in this context to Siegfried Kracauer (1988), Douglas Kellner (2001), Max Horkheimer and Theodor Adorno (1997). It is concluded from this perspective that cinema educator should be seen as an auxiliary device to rethink not only education but the impoverishment of experience and an emergency of a critical pedagogy of images.

**Keywords:** communication; cinema educator; critical pedagogy;

---

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Educação (Universidade Federal de Pelotas). Doutora em Psicologia (PUC-RS). CV: <http://lattes.cnpq.br/3000225561008826>

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (Universidade Federal de Pelotas). CV: <http://lattes.cnpq.br/7631282735185532>

---

Luz! Câmera! Ação! São as palavras que, sem dúvida, mais cercam nosso imaginário quando nos referimos ao cinema. O jogo das câmeras, as luzes apagadas dentro das salas de projeção, o envolvimento com os personagens que nos despertam toda sorte de sentimentos, que nos fazem rir e chorar de acordo com o desenvolvimento do enredo até que se atinja o clímax da história, são os elementos que compõem o universo encantado do cinema, que nos envolve e nos torna parte dele de forma sensível e quase imperceptível.

O homem moderno tem uma relação profunda e delicada com os filmes, que passaram a compor nosso cotidiano desde o momento em que os irmãos Lumière conseguiram projetar uma série de fotografias sequenciais na Paris do final do século XIX, causando a sensação de movimento.

O mundo mágico ao qual somos convidados a entrar quando nos sentamos em frente às grandes telas ou mesmo em frente à televisão em nossas casas nos é exposto quase gratuitamente, a preços geralmente acessíveis, pedindo em troca apenas a entrega total àquele momento. Na maioria das vezes, aceitando a troca, assistimos as películas que se descortinam sobre nossos olhos completamente entregues à história que ali está sendo contada para a coletividade presente e para cada um em particular.

Entretanto, é justamente esse mundo fantástico onde tudo é possível que iremos aqui questionar. Fica claro, ao olhar a sociedade atual, que o encanto e a magia propostos pelo universo cinematográfico saíram das salas de cinema e passaram a adentrar novos lugares de conhecimento no mundo real. Começamos a tomar as histórias narradas, contadas com maestria pelas indústrias cinematográficas, como sendo verdadeiras.

Dessa forma, retratar nosso cotidiano, contar acontecimentos históricos e produzir grandes ficções científicas, são partes do processo de consolidação do aparelho cinematográfico, que passou a ser indispensável seja como forma de entretenimento, propaganda ou construção de novas ideias. Como afirma Walter Benjamin:

O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo papel cresce cada vez mais em

---

sua vida cotidiana. Fazer do gigantesco aparelho técnico do nosso tempo o objeto das inervações humanas - é essa a tarefa histórica cuja realização dá ao cinema o seu verdadeiro sentido (Benjamin, 1985: 174).

Analisar as influências desse novo aparato tecnológico que surge no contexto do pós Segunda Guerra Mundial envolve pensar os processos de interação humana que são atingidos por ele. Neste texto, buscaremos abordar prioritariamente as relações educacionais.

Pensar a escola na contemporaneidade implica, em uma determinada perspectiva, reconhecer que as crianças e adolescentes devem ir à escola para aprender, acumular novos conhecimentos, desenvolver sua capacidade crítica e se relacionar com outras pessoas de sua idade com quem deverão trocar experiências e se construir enquanto pessoas.

Comenius já previa no século XVII em seu livro *Didática Magna* que essa transmissora de conhecimentos deveria ser pública, aberta a todos os sexos e idades e ajudar na formação de cidadãos letrados conhecedores de sua realidade.

Não há dúvidas, entretanto, de que o sistema educacional brasileiro e mundial atualmente enfrenta o que Henry Giroux (1995) vem a definir como “uma crise de visão, propósito e motivação”, que cria instabilidade e abre questionamentos por parte de alunos, pais e professores sobre a própria necessidade do sistema escolar. Dentro desse contexto, surgem ainda novos questionamentos acerca de quem deve educar as crianças e jovens que hoje estão profundamente inseridos em uma sociedade regida pelo ritmo de trabalho, meios de comunicação, redes sociais e uma constante sensação de insatisfação gerada pelo consumismo moderno.

Fica assim bastante delicado, atualmente, determinar os limites entre o ambiente escolar e o ambiente domiciliar. Não se estabelece um limiar claro entre que tipo de educação deve ficar a cargo do professor e qual tipo fica a cargo dos pais. A tênue linha que separava os dois ambitos parece ter se

---

esfacelado com a saída das mulheres ao mercado de trabalho nos fins do século XIX.

O desenvolvimento dos meios de comunicação em massa ao longo do século XX criou mais um componente que integra a discussão escola/família. A “terra encantada” do cinema, em especial, traz profundas modificações que ainda precisam ser estudadas e analisadas, posto que apenas recentemente foi questionada sobre sua neutralidade e “inocência”.

Através dos filmes, o cinema cria um lugar confortável para o qual sempre se pode ir em meio ao estresse ou monotonia causados pelos ritmos de vida sistematizados da modernidade. Ali, naquele reduto, crianças, jovens e adultos podem se satisfazer ao menos visualmente, em um processo velado de interação. A problemática levantada nesse ponto é: em que medida a realidade dos filmes não está substituindo os conhecimentos escolares por outros que são vendidos pela indústria cinematográfica como reais?

Nesse sentido, pensar as novas fronteiras de aprendizagem que surgem com a modernidade inclui pensar as novas mídias e seu papel educacional não apenas enquanto ferramentas para a transmissão de conhecimento, mas como agentes produtoras de conhecimento.

A noção, que segue os lastros dos estudos culturais, de “Pedagogia da Fronteira” (Giroux, 1992), ou ainda daquilo que McLaren (1999) denominou uma “identidade de fronteira”, surge aqui como uma forma de pensar as subjetividades emergentes na sociedade atual, que são pautadas por uma desconfiança dos mapas antigos e a exigência de outros e novos mapas, no espaço de uma “sociedade de transição paradigmática” (Santos, 2001).

Analisar as fronteiras no âmbito educacional extrapola a observância apenas das presenças, ocorrendo também nas ausências reprimidas e construídas enquanto tais (Bussoletti; Pinheiro, 2011). Nesse sentido, o surgimento de espaços para o exercício da apreensão das novas realidades educacionais se faz necessário frente aos desafios que se apresentam à educação neste começo de século XXI.

---

Procuraremos, portanto, fazer breves considerações sobre a modernidade e o cinema como meio de comunicação fruto de seu contexto, bem como levantar questionamentos acerca do cinema educador e suas influências sobre o âmbito escolar, que atualmente remodelam os conhecimentos e os reproduzem de forma simplificada e muitas vezes errônea.

### **A modernidade**

Analisar a sociedade moderna implica estabelecer relações entre o indivíduo e a sociedade que se desenvolveram no tempo e espaço posterior à Revolução Industrial. Walter Benjamin já descrevia que essa sociedade era profundamente marcada pelo advento das Grandes Guerras Mundiais e demonstrava profundos sinais de alienação, trazidos pelos meios de comunicação e pelas experiências empobrecedoras da própria guerra. O contato entre os seres humanos diminuiu, as experiências de vida reais diminuíram e os meios de comunicação começaram a dominar um espaço que antes era permeado pela convivência.

Com a guerra mundial tomou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável (Benjamin, 1985: 198).

No período de estranhamento em que se desenvolve a Guerra Fria, os meios de comunicação se tornam uma importante ferramenta irradiadora de uma realidade inexistente. O entendimento do enorme poder de destruição adquirido pelo homem, representado pelo Holocausto, pela Guerra e pelo uso das bombas atômicas, desnuda uma nova realidade que choca o mundo. É contra essa realidade crua e violenta que as mídias e meios de comunicação iniciam sua luta. Estimular a produção de filmes, programas de rádio e televisão (que ainda se consolidava) e a sua máxima difusão entre os lares, se tornava extremamente necessário para que os indivíduos pudessem continuar suas rotinas, além de estimular uma economia que ameaçava entrar em crise. (Mascarello, 2006).

---

Esses fatores podem ser observados não só na esfera mundial como também na esfera nacional. No Brasil o que se percebe é justamente a paulatina perda da capacidade de concentração e articulação da sociedade brasileira, visto que o estímulo dado pelo então governo militar ao acesso à cultura massificada foi enorme.

O barateamento do custo dos aparelhos de televisão e a nova capacidade de transmissão nacional do sinal permitiram a entrada de grande quantidade de informação e entretenimento nos lares, reeducando os hábitos familiares que anteriormente vigoravam. A própria lógica do capitalismo que se desenvolveu no Brasil desde os fins da Segunda Guerra até a década de 1980 construiu uma sociedade com realidades econômicas distintas entre suas camadas, sendo que as mais pobres, bombardeadas por propagandas, novelas e filmes americanizados, passaram a ter falsas necessidades consumistas, gerando indivíduos inquietos e constantemente insatisfeitos (Melo; Novais, 1994).

Dessa forma, o que observamos principalmente após a década de 1950 é o choque do mundo frente à capacidade humana de destruição. Não há dúvidas de que as consequências dos campos de concentração e das bombas atômicas no imaginário coletivo foram enormes, causando rupturas histórico-sociais em todos os âmbitos da vida humana.

Os meios de comunicação enquanto criadores e difusores de opinião podem, portanto, ser considerados um dos grandes resultados do contexto pós-guerra, que tem importante papel na construção da modernidade. Longe de se limitarem apenas a um determinado espaço, eles se alastraram e dominaram dos lugares públicos aos lugares privados. Rádio, cinema e televisão passam a ter papéis fundamentais na construção de identidades, opiniões e visões de mundo (Mascarello, 2006).

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando

---

os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 1992: 6).

Nesse contexto social permeado pela dúvida e pelo medo, no qual o perigo da Guerra Nuclear era palpável e os sintomas da Segunda Guerra Mundial ainda não haviam dissipado, o cinema vem como uma anestesia. As grandes produções hollywoodianas surgidas a partir da década de 1960 passam a movimentar enormes quantidades de dinheiro, levando milhares de pessoas as salas de cinema, ainda que seja notório que a situação financeira da época beirava a estagnação (Mascarello, 2006).

### **O cinema**

Em suas elaborações sobre a estética cinematográfica, Walter Benjamin (1985) vai descrever justamente a capacidade cinematográfica de criar histórias e difundi-las, visando um público-alvo e sem dúvida com um objetivo muito maior que o mero entretenimento. Como afirma Marie-Thérèse Journot (2005) *“filme é um discurso fabricado por e para alguém, ao contrário do mundo, que não se enuncia”*.

Ao analisarmos o alcance dos discursos cinematográficos através de sua reprodução, devemos nos ater ao fato de que o cinema necessita reproduzir-se. Benjamin mostra que já em 1927, calculou-se que um filme de longa metragem, para ser rentável, precisaria atingir um público de cerca de nove milhões de pessoas. Dessa forma:

A reprodutibilidade técnica do filme tem seu fundamento imediato na técnica de sua reprodução. Esta não apenas permite, da forma mais imediata, a difusão em massa da obra cinematográfica, como a torna obrigatória. A difusão se torna obrigatória, porque a produção de um filme é tão cara que um consumidor que poderia, por exemplo, pagar um quadro, não pode mais pagar um filme (Benjamin, 1985: 172).

Uma importante análise do cinema enquanto difusor de discursos foi feita por Henry Giroux (1995), pesquisador que demonstrou como os filmes infantis – especialmente os produzidos pela Disney – partem do entendimento

---

do universo infantil atual, modificam-no e o reproduzem, impregnando-o, através da imagem, de uma educação bastante particular ao sistema capitalista atual.

O discurso enquanto forma de linguagem foi uma das grandes visualizações dos produtores cinematográficos. Já no século XIX, quando surgiram as primeiras películas, os cineastas se deram conta de que a memória visual poderia ser muito mais poderosa e duradoura do que a memória escrita (Carrière, 1994).

Dessa forma, o discurso reproduzido através da imagem carrega consigo um complexo processo de memorização, tratando-se assim de uma ferramenta refinada, que ataca diretamente o subconsciente. Envolve relações de poder que constituem e produzem identidades e subjetividade, sendo, portanto, construtor de noções de mundo.

O discurso é então uma forma de nomear a realidade [...] Não há neutralidade no enunciado, como não há no olhar. O discurso não pode ser reduzido a um conjunto de crenças coerentes que são enunciadas e defendidas por um falante (um enunciante) (Vieira, 2010: 121).

Como já abordado, a modernidade, tal como é concebida hoje, ganhou novos contornos após o advento da Segunda Guerra Mundial, que causou profundos impactos nos âmbitos social, político, econômico e cultural. O período que se seguiu observou o aumento da concorrência financeira, uma maior sistematização do ritmo de trabalho e a difusão lenta e eficaz de determinado estilo de vida pregado pelos norte-americanos como modelo ideal. O chamado *american way of life* foi largamente difundido através dos meios de comunicação que se consolidavam, levando ao restante do mundo um ideal de existência que rapidamente começaria a ser adaptado e consumido (Mascarello, 2006).

O cinema sem dúvida está entre as mídias que mais se desenvolveram após o período, já que se tornou uma peça fundamental, dotado da capacidade

---

única de atuar tanto no entretenimento quanto na produção e difusão de discursos, ambos necessários em um período profundamente desesperançado.

Os filmes de uma nação refletem a mentalidade desta de uma maneira mais direta do que qualquer outro meio artístico (...). Primeiro, os filmes nunca são produto de um indivíduo (...) segundo porque os filmes são destinados às multidões anônimas. (...) Ao gravar o mundo visível - não importa se a realidade vigente com um universo imaginário - os filmes proporcionam a chave de processos mentais ocultos. (...) O que conta não é tanto a popularidade dos filmes estatisticamente mensurável, mas a popularidade de seus temas pictóricos e narrativos (Kracauer, 1988: 17).

Analisar o cinema por esse viés significa eliminar qualquer olhar inocente que porventura possa estar acoplado ao indivíduo que se propõem a analisar o cinema de modo crítico. Como afirma Benjamin em seu trabalho *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1985), o cinema enquanto ferramenta capitalista tem pleno poder para adentrar o imaginário humano, levando-o a crer em uma realidade existente apenas nos filmes, onde tudo é possível graças ao jogo de câmeras e ao aparato tecnológico que cerca o cinema.

Max Horkheimer e Theodor Adorno, que vão buscar nas ideias de Benjamin parâmetros para analisar (e posteriormente criticar) o que irão mais tarde caracterizar como indústria cultural de massa, já afirmavam em sua *Dialética do esclarecimento* que o ritmo imposto pela sociedade atual leva os indivíduos a buscarem no cinema uma forma de distração após o dia de trabalho rotineiro e que estes, longe de estarem se afastando de sua realidade cotidiana, continuam sustentando-a ao pagar por entretenimento, movimentando viciosamente o ciclo econômico. Além disso, as mídias passam a ditar o comportamento social e individual, limitando quase em sua totalidade a movimentação e expressão do desejo particular de cada um:

O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas. O aparelho econômico, antes mesmo do planejamento total, já provê espontaneamente as mercadorias dos valores que decidem sobre o comportamento dos homens. [...]As

---

inúmeras agências da produção em massa e da cultura por ela criada servem para inculcar no indivíduo os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais. (Horkheimer; Adorno, 1997: 31)

Ao observar, portanto, as influências do cinema tanto sobre indivíduos quanto sobre as sociedades que estes compõem, constatamos que a absorção da realidade cinematográfica é feita principalmente através do discurso propagado pela mesma. Ao assistir um filme, estamos muito mais que meramente nos entretendo: estamos sendo induzidos a uma espécie de aprendizagem.

### **O cinema educador**

Os âmbitos cultural, social e educacional, passaram a ser profundamente marcados por essa nova realidade. Frutos do meio que vem sendo desenvolvido e ampliado desde então, os indivíduos que adentram as escolas hoje, mesmo anos após o final da Guerra Fria, trazem junto consigo marcas dessa visão de mundo amplamente propagadas pelas projeções cinematográficas.

O cinema mundial hoje possui grande influência do cinema Hollywoodiano, que desenvolveu e aperfeiçoou técnicas de produção, iluminação e sonoplastia, que o transformaram em um referencial. Assim sendo, filmes brasileiros, franceses, italianos, dentre outros, apesar de possuírem características próprias, estão sob ampla influência norte-americana, ainda que indiretamente (Mascarello, 2006).

Em contato diário com os meios de comunicação, crianças, adolescentes e adultos estão sendo constantemente bombardeados por informações que forjam sua visão de mundo e pouco abrem espaço para a formação de um pensamento crítico (Giroux, 1995). Nas escolas, ainda que os professores busquem formas de acompanhar seus alunos, estes parecem cada vez menos interessados em conteúdos importantes para a formação de indivíduos conhecedores de sua realidade, preocupados mais com o acompanhamento do ritmo imposto por uma cultura de massa.

---

Devemos nos questionar, portanto, até onde as mídias se tornam responsáveis pela construção das novas mentalidades que dominam os espaços escolares e sociais. Como demonstra Giroux (1995), longe de serem filmes infantis, as animações e desenhos produzidos por Walt Disney, por exemplo, se analisados profundamente, trazem em suas cenas a reprodução de valores morais e familiares que vigoram na sociedade americana. De forma atemporal, as cenas retratando a sociedade através dos personagens levam aquele que assiste a absorver os elementos ali presentes e os tomar como verdadeiros sem de fato questionar sua origem.

Dessa forma, para além de mero entretenimento, os filmes infantis podem ser considerados – nas palavras do próprio autor – verdadeiras “máquinas de ensinar”. A legitimação do conhecimento ensinado pelos meios de comunicação se dá através do aparato tecnológico que cerca a imagem: os efeitos especiais, a trilha sonora e o jogo de câmeras, transportam aquele que assiste a um universo paralelo onde tudo é possível (Benjamin, 1985). Em contrapartida, no universo escolar, a realidade crua e muitas vezes vista como monótona acaba perdendo espaço para este outro universo de longe mais interessante.

Na luta contra a perda de poder e a perda do próprio lugar como agente transmissor do conhecimento, os professores muitas vezes buscam aliar os meios de comunicação com os respectivos assuntos ensinados, sem muitas vezes fazer, juntamente com os alunos, análises críticas dos filmes assistidos. Essa prática se mostra bastante nociva à medida que perpetua a construção de conhecimentos empobrecidos e pouco baseados na realidade.

O que observamos aqui é, na consolidação do período moderno, a reconstrução da memória social e individual que é feita pelos meios de comunicação, onde os indivíduos se esvaziam de sentimentos, memórias e capacidade de julgamento, mediante uma realidade descartável. Partindo do conceito de memória para Walter Benjamin (1985), onde esta se constrói na “experiência de indivíduos que se relacionam entre si e estão localizados no tempo e no espaço”, podemos dizer que tanto memórias individuais quanto

---

memórias coletivas aos poucos se perdem e são reconstruídas, tendo como embasamento não mais a cultura de determinada comunidade ou sociedade, mas sim uma base coletiva comum, adaptada e propagada como correta a outras sociedades.

### **A modernização do passado**

Uma breve análise do filme *Hércules* (1997) nos mostra exatamente o modo como se dá a americanização de culturas distintas, que são reconstruídas nos filmes e remodelam nossos conhecimentos acerca das mesmas. O passado nos filmes históricos é representado mediante a lógica moderna, que nos aproxima do enredo e faz com que nos sintamos confortáveis, dado o reconhecimento, na imagem, de elementos que podem ser facilmente encontrados em nossa realidade.

A história se passa na Grécia Antiga e tem como herói o menino Hércules, que separado dos pais verdadeiros ao nascer, cresce em uma sociedade à qual não pertence e à qual não se adapta. Insatisfeito com o não reconhecimento completo de sua própria força tanto pela sociedade quanto por si mesmo (que aqui pode ser facilmente traduzido como o período em que o corpo está em fase de mudanças na adolescência), ele descobre que não pertence àquela sociedade na qual fora criado. Sai assim em busca de respostas, descobrindo posteriormente ser um semideus que tem possibilidade de voltar ao Monte Olimpo (lugar cultuado na Grécia Antiga como sendo a morada dos deuses) caso se prove um verdadeiro herói, o que de fato acontece após uma série de conflitos que movem a história.

Ao analisar o desenho, a princípio creditamos a ele a veracidade da história, tomando como verdadeira a imagem do funcionamento da sociedade grega antiga e a utilizando como referência histórica, eliminando assim a necessidade de aprofundar maiores no conhecimento. Entretanto, ao objetivamente nos ater ao roteiro, percebemos inúmeras incongruências e até mesmo ironias e brincadeiras internas com a visão estereotipada da sociedade grega, que passam facilmente despercebidas por uma criança ou adolescente.

---

A questão é que o jovem que assiste ao filme, mais do que tomar como verdadeira aquela realidade, se identifica com o personagem. Isso porque a Disney consegue, com maestria, adaptar a realidade de uma sociedade bastante diversa da nossa, aproximando-a do que temos como parâmetro de comparação e colocar nela os mesmos problemas que enfrentamos na passagem da infância para a vida adulta no mundo atual. Dessa forma, o adolescente se identifica com aquele personagem que não se adapta, que não se entende com seu corpo, que muitas vezes deseja outra família que não aquela em que nasceu e que não o entende completamente, que quer sair em busca de respostas e, principalmente, que quer descobrir ser especial a sua maneira perante o mundo.

Posteriormente, no decorrer da história, Hércules vai em busca de um treinador que possa transformá-lo em herói. Passando por um longo treinamento físico que modela seu corpo e o deixa mais “bonito”, logo ele tem a aceitação tanto da sociedade quanto da heroína da história. Ora, é facilmente perceptível a mensagem para aquele que assiste: trabalhe seu corpo e será aceito social e amorosamente.

Para um adolescente, dos 12 aos 16 anos aproximadamente, fica evidente que se a lógica funciona no filme, deve funcionar também na vida real. Percebemos assim dois elementos até agora: primeiro, o jovem aprende sobre o período histórico de forma fácil e divertida e segundo, mesmo sem perceber se identifica com o personagem, tomando seus acertos como exemplos a serem seguidos.

É importante, nesse sentido, pensar o grau de influência que o mundo atual, passado através do filtro cinematográfico, exerce na vida dos indivíduos, moldando sua visão de mundo e muitas vezes impedindo a construção de um pensamento crítico que o leve além do que é dado como certo e errado.

Continuando a análise do filme, percebemos também como a sociedade grega pode ser facilmente transportada para a sociedade americana. Os traços dos rostos dos personagens, as tonalidades da pele, o ritmo da cidade já bastante semelhante ao ritmo da cidade moderna, os problemas encontrados que também podem ser facilmente comparados com os problemas atuais.

---

Hollywood consegue, dessa forma, absorver as características particulares da sociedade grega e transformá-las em conceitos gerais que podem ser encontrados na sociedade americana, fazendo assim uma aproximação que torna o filme familiar aos nossos olhos, posto que esta é ideologicamente construída para ser o exemplo de quase todas as sociedades ocidentais.

Ao final do filme, a vitória das protagonistas sobre os vilões nos deixa com a sensação familiar de que a justiça prevaleceu sobre o mal e, sendo assim, pouco prestamos atenção ao complexo e delicado processo do qual participamos em pouco mais de uma hora. A remodelação do passado se deu de forma quase imperceptível, principalmente por se tratar de um desenho – o que naturalmente nos passa a sensação de inocência. Construimos, a partir do filme, uma nova visão sobre a sociedade grega que provavelmente será lembrada por muito tempo e pouca atenção prestamos, de fato, a isso.

São reconstruções do imaginário sobre o passado, como essas, que devem ser colocadas no centro da discussão que envolve cinema e educação. Mais que reproduzir histórias, as indústrias cinematográficas desenvolveram e aperfeiçoaram a capacidade de recriar histórias, o que merece lugar no debate em se analisam os desafios apresentados pelo sistema educacional de nosso século.

### **Considerações finais**

Ao trazer novamente ao palco de discussão o papel do cinema no mundo moderno e suas influências no contexto escolar, buscamos deixar claro que pensar a relação cinema-educação é muito mais que uma nova forma de abordagem educacional: trata-se de repensar a base da educação atual, que deve, sem dúvida, começar a olhar as novas relações midiáticas não só como aliadas, mas também como produtoras por si só de conhecimentos, englobando-as na equação geral ensino/aprendizagem.

Assim, buscamos demonstrar que abordar de forma crítica a cinematografia (principalmente hollywoodiana), a partir da realidade imposta pelo pós-guerra se faz extremamente necessário, já que esta se torna

---

responsável pela criação de uma visão de mundo permeada pela imaginação e pela criação de realidades perfeitas e idealizadas, alienante e que aparentemente aparece como um antídoto contra o empobrecimento de experiência, também na cultura escolar.

Dessa forma, o que devemos buscar perceber é, como Horkheimer e Adorno bem definem, “*por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie*” (Horkheimer; Adorno, 1997: 4). Pensar criticamente a sociedade atual significa não nos acostumar com a estabilidade imagética, mas também estabelecer um olhar cuidadoso e consciente do perigo de nos fixar em imagens e sequências rápidas.

Para isso é importante tornar presentes leituras como a de Benjamin no trabalho “A Doutrina das Semelhanças” (1985), em que o autor justamente busca demonstrar como é natural do homem imitar aquilo que o cerca. Assim como a arte imita a vida, o que observamos com o advento do pós-guerra é a inversão dessa lógica: a vida passa a imitar a arte. Assim, desprovidos de experiências reais e de contatos humanos, o indivíduo vai buscar nas películas uma vida perfeita, que possa acalentar sonhos e esperanças de uma vida semelhante àquela vivida por personagens fictícios.

O mesmo autor trabalha o conceito de glamorização de atores e atrizes, demonstrando como o foco excessivo em suas vidas, roupas, cortes de cabelo, casamentos e divórcios, retiram a atenção dos indivíduos de suas próprias vidas muitas vezes empobrecidas, dando a estes, pequenos encantamentos e distrações que simulam uma felicidade quase inexistente na realidade.

A busca por uma vida semelhante à de atores e atrizes das indústrias cinematográficas mundiais pode ser vista ao longo da história em ondas que arrastaram e ainda arrastam multidões facilmente encantáveis e convencíveis. O auge dos cabelos loiros se tornou garantia de *sex appeal*, dado o sucesso de Marilyn Monroe, mais atualmente, a volta do estilo *retro* que marcou gerações passadas, hoje atua como certeza de “enquadramento social”, principalmente entre os adolescentes. As propagandas de cigarro feitas através dos filmes de

Marlon Brandon e James Dean também são bons exemplos disso, ao transmitirem a sensação de independência e sensualidade àqueles que assistem aos filmes.

Trata-se aqui de uma mudança cultural que deve ser analisada e compreendida, posto que se torna uma das maiores mudanças históricas da humanidade. A cultura deixa de se tornar secundária para se tornar palco da discussão central, englobando ao seu redor o econômico, o político e o social.

Assim sendo, devemos estar constantemente atentos para a problemática apresentada pelo cinema educador e repensar, enquanto educadores e indivíduos que compõem a sociedade, o estilo de vida que cegamente buscamos através dos jogos de câmeras, luz e ação das telas de cinemas. A educação atual se vê confrontada com esses questionamentos – não meramente colocando frente a frente professor/tradição *versus* aluno/tecnologia – mas fazendo-nos analisar em que contexto estamos inseridos e inserindo o cinema através da educação e da cultura. Uma pedagogia crítica das imagens se faz urgente.

### Referências

- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas, v. I, *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BUSSOLETTI, Denise; PINHEIRO, Cristiano. Fronteiras da diversidade: entrelugares e desafios. *Revista Querubim*. Rio de Janeiro, vol. 1, nº 15, ano 07, 2011. Disponível em:  
<[http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/z\\_querubim\\_15\\_2011\\_vol\\_1.pdf](http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/z_querubim_15_2011_vol_1.pdf)>
- CARRIÈRE, Jean-Claude. *A Linguagem Secreta do Cinema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- GIROUX, H. *Border crossing*. Nova York e Londres, Routledge, 1992.
- \_\_\_\_\_. A Disneização da cultura infantil. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *Territórios Contestados*. Petrópolis: Vozes, 1995a. P. 49-78.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.
- HORKHEIMER, M; ADORNO, T.W., *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- JOURNOT, Marie-Thérèse. *Vocabulário de cinema*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru: Edusc, 2001.

- 
- KRACAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- MASCARELLO, Fernando (org). *História do Cinema Mundial*. Campinas, SP: Papyrus, 2006.
- MCLAREN, P. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1999
- MELO, João Manuel C. de. ; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: NOVAIS, Fernando (coordenador Geral da coleção); SCHWARCZ, Lilia M. (organizadora do volume). *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea*, São Paulo: Cia das Letras, 1998, v. 4.
- VIEIRA, Jarbas Santos. Passagem para a Índia: Uma incursão pelo discurso pós-colonial. *Revista Ártemis*, vol. 11, Dez 2010, p.120 – 132.
- SANTOS, B. *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.); SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. v. 3.
- Obras Audiovisuais:*
- HÉRCULES*. Direção: Ron Clements e John Musker. Roteiro: Ron Clements, John Musker e Francis Glebas. Animação: Howard E. Baker. Los Angeles: Walt Disney Pictures, 1997, DVD (93 min).
- STAR Wars, episódio IV: uma nova esperança*. Direção: George Lucas. Produção: Gary Kurtz. Roteiro: George Lucas. Los Angeles: Lucas Film e 20th Century Fox, 1977, DVD (121 min).
- RAMBO, programado para matar*. Direção: Ted Kotcheff. Produção: Buzz Feitsham. Roteiro: David Morrell, Michael Kozoll, William Sackheim, Sylvester Stallone. Los Angeles: Universal Pictures, 1982. (93 min).